

# ÍNDICE

APRESENTAÇÃO — 6

*Nélson Jahr Garcia*

BIOGRAFIA DO AUTOR — 10

CAPÍTULO I — 13

CAPÍTULO II — 19

Continuação das aventuras do jovem inglês Jenni e do senhor seu pai, doutor em teologia, membro do Parlamento e da Sociedade Real

CAPÍTULO III — 25

Súmula da controvérsia dos Mas, entre Mister Freind e dom Inigo y Medroso y Comodios y Papalamiendo, bacharel de Salamanca

CAPÍTULO IV — 36

Regresso a Londres: Jenni começa a corromper-se

CAPÍTULO V — 43

Pretende-se casar Jenni

CAPÍTULO VI — 49

Terrível aventura

CAPÍTULO VII — 56

O que aconteceu na América

CAPÍTULO VIII — 71

Diálogo de Freind e de Birton sobre o ateísmo

CAPÍTULO IX — 80

Sobre o ateísmo

CAPÍTULO X — 98

Sobre o ateísmo

CAPÍTULO XI — 105

Do ateísmo

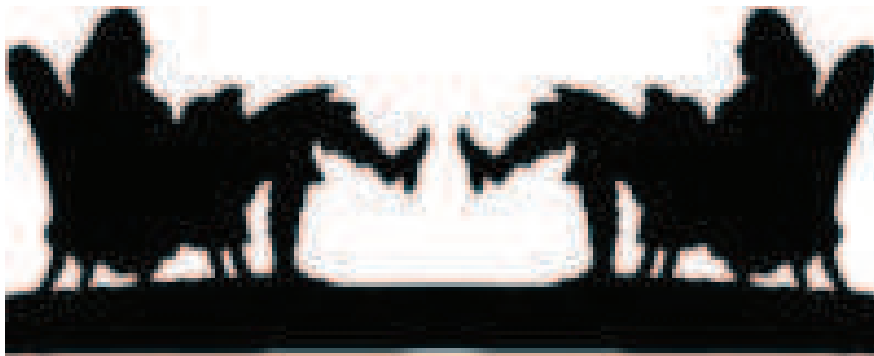
CAPÍTULO XII — 111

Regresso à Inglaterra. Casamento de Jenni

NOTAS — 114

**HISTÓRIA DE JENNI  
OU  
O ATEU E O SÁBIO**

*por Mr. Sherloc  
Traduzida pelo senhor de La Caille*



**VOLTAIRE**

# APRESENTAÇÃO

*Nélson Jahr Garcia*

A “História de Jenni” foi escrita por Voltaire nos seus últimos anos de vida. O mesmo escritor crítico, irônico e sarcástico tornou-se mais severo. Já havia sido criticado com veemência, por suas idéias e comentários desairosos ao clero, especialmente os jesuítas, aos nobres e reis. Foi preso e depois perseguido por toda a Europa, mesmo quando enaltecido pelo indiscutível valor de seus conceitos, não deixou de sofrer perseguições.

Nesta obra Voltaire debruça sua língua viperina sobre a “religião revelada” e os dogmas do catolicismo. Mas a carga maior de veneno recai sobre o ateísmo de D’Holbach. Veja-se com que peso desfere seu ataque a ateus e supersticiosos:

*A crença num Deus remunerador das boas ações, punidor das más, perdoador das faltas leves, é pois a crença mais útil ao gênero humano; é o único freio dos poderosos, que cometem insolentemente os crimes públicos; é o único freio dos*

*homens que cometem disfarçadamente os crimes secretos. Não vos digo, meus amigos, que junteis, a essa crença necessária, superstições que a desonrariam e que até poderiam torná-la funesta: o ateu é um monstro que só devorará para apaziguar a fome; o supersticioso é outro monstro que estraçalhará os homens por dever. Sempre notei que se pode curar um ateu, mas jamais se cura radicalmente a um supersticioso; o ateu é um homem de talento que se engana, mas que pensa por si mesmo; o supersticioso é um tolo brutal que jamais teve senão as idéias dos outros.*

Voltaire, como em outros textos, revela uma aparente ambiguidade quando se refere aos judeus, mas apenas aparente. Se critica os judeus da História, pelos crimes e males cometidos; por outro lado os defende como seres humanos. Dois trechos são significativos:

*— E mesmo que ele fosse judeu — respondeu o nosso amigo com o seu sangue-frio habitual, — fica-lhe bem, senhor Caracucarador, assar pessoas porque pertencem a uma raça que habitava outrora um pequeno cantão pedregoso próximo ao deserto da Síria?*

*Que lhe importa que um homem tenha ou não tenha prepúcio e que comemore a páscoa na lua cheia de abril ou no domingo seguinte?*

*Desertos tão horrendos, tão inabitáveis, que esses animais ferozes chamados judeus se julgaram no paraíso terrestre quando passaram, daqueles lugares de horror, para um recanto de terra onde se podiam cultivar algumas jeiras.*

Tema recorrente, em Voltaire, é o canibalismo que, em sua época ainda era prática encontrada em diversas culturas. Se sempre se referiu ao costume de forma satírica, agora o faz com sarcasmo virulento:

*Freind mostrou-se muito bem impressionado com essa máxima; mas observou que o costume de devorar mulheres era indigno de tão brava gente e que, com tantas virtudes, não deviam ser antropófagos.*

*O chefe das montanhas perguntou-nos então o que fazíamos com os nossos inimigos, depois de os matar.*

*— Nós os enterramos — respondi-lhe.*

*— Quer isto dizer — retrucou — que os dais de comer aos vermes. Nós queremos a primazia; nossos estômagos são uma sepultura mais honrosa.*

O texto merece ser lido com especial carinho, contém uma síntese e soma das idéias filosóficas que Voltaire desenvolveu durante toda uma vida com extraordinário gênio e competência que, infelizmente, muitos dos que viveram seu tempo não foram capazes de compreender.

## BIOGRAFIA DO AUTOR



FRANÇOIS-MARIE AROUET, filho de um notário do Châtelet, nasceu em Paris, em 21 de novembro de 1694. Depois de um curso brilhante num colégio de jesuítas, pretendendo dedicar-se à magistratura, pôs-se ao serviço de um procurador. Mais tarde, patrocinado pela sociedade do Templo e em particular por Chaulieu e pelo marquês de la Fare, publicou seus primeiros versos. Em 1717, acusado de ser o autor de um panfleto político, foi preso e encarcerado na Bastilha, de onde saiu seis meses depois, com a Henriade quase terminada e com o esboço do OEdipe. Foi por essa ocasião que ele resolveu adotar o nome de Voltaire. Sua tragédia OEdipe foi representada em 1719 com grande êxito; nos anos seguintes, vieram: Artemise (1720), Marianne (1725) e o Indiscret (1725).



Em 1726, em consequência de um incidente com o cavaleiro de Rohan, foi novamente recolhido à Bastilha, de onde só pode sair sob a condição de deixar a França. Foi então para a Inglaterra e aí se dedicou ao estudo da língua e da literatura inglesas. Três anos mais tarde, regressou e publicou Brutus (1730), Eriphyle (1732), Zaïre (1732), La Mort de César (1733) e Adélaïde Duguesclin (1734). Datam da mesma época suas Lettres Philosophiques ou Lettres Anglaises, que provocaram grande escândalo e obrigaram a refugiar-se em Lorena, no castelo de Madame du Châtelet, em cuja companhia viveu até 1749. Aí se entregou ao estudo das ciências e escreveu os Eléments de le Philosophie de Newton (1738), além de Alzire, L'Enfant Prodigue, Mahomet, Mérope, Discours sur l'Homme, etc.

Em 1749, após a morte de Madame du Châtelet, voltou a Paris, já então cheio de glória e conhecido em toda a Europa, e foi para Berlim, onde já estivera alguns anos antes como diplomata. Frederico II conferiu-lhe honras excepcionais e deu-lhe uma pensão de 20.000 francos, acrescentando-lhe assim a fortuna já considerável. Essa amizade, porém, não durou muito: as intrigas e os ciúmes em torno dos escritos de Voltaire obrigaram-no a deixar Berlim em 1753.

Sem poder fixar-se em parte alguma, esteve sucessivamente em Estrasburgo, Colmar, Lyon, Genebra, Nantua; em 1758, adquiriu o domínio de Ferney, na província de Gex e aí passou, então, a residir em companhia de sua sobrinha Madame Denis. Foi durante os vinte anos que assim viveu, cheio de glória e de amigos, que redigiu *Candide*, *Histoire de la Russie sous Pierre le Grand*, *Histoire du Parlement de Paris*, etc., sem contar numerosas peças teatrais.

Em 1778, em sua viagem a Paris, foi entusiasticamente recebido. Morreu no dia 30 de março desse mesmo ano, aos 84 anos de idade.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

